

O Pensamento Penoso

Morto Baiém Fandé

Acadêmico USS

- Olá Maudó!

- Olá Bapam! A viagem foi boa?

- Foi. Tive que dormir porque o meu amigo tinha ido a um *toca-choro*¹ numa *tabanca*² de *manjacos*³ e só voltou esta tarde. Vim correndo, deixei em casa a minha esposa grávida de nove meses.

- Fica tranquilo. Nasceu a tua filha! O parto foi normal e tua mulher passa bem. Parabéns!

- Obrigado! Pobre de mim! Mas nasceu uma menina mesmo?

- Óbvio, já disse. Por quê?

Cabisbaixo, Bapam tomou de silêncio. Parecia procurar a resposta ao chão. Nada havia ali. Assim ficou dois ou três minutos. Três no mínimo. Ao pedido do amigo, levantou a cabeça, com a cara lúgubre, e respondeu.

- Amigo, tenho duas filhas... mais uma! O meu sonho é ter pelo menos um menino que pudesse mandar a escola. Além disso, quem fará o meu *toca-choro* quando eu morrer.

- Homessa! Não sejas o estulto da *tabanca*! Pensei que ficaste tonto por motivos sério. Tu não escutas na rádio que todas as crianças, sejam meninos ou meninas, têm direito a escola? Nunca escutasses?

- Escutei... Mas isso é só da rádio. Sabemos que, desde os tempos dos nossos avôs, a tarefa da mulher é arrumar a casa e cuidar das crianças. O meu avô contava-me histórias de todos os régulos que havia nessa zona. No entanto, nunca me disse que havia uma, apenas uma só régula.

- Verdade dita. Mas, isso também é do passado. As meninas são iguais aos meninos...

- Iguais!? Sei que queres... Não vou mais falar contigo - desabafou Bapam.

Bapam estava nervoso da afirmação sobre a igualdade entre meninas e meninos. Ainda disse ao amigo que uma menina não teria se quer a metade da importância que tem um menino. Depois deu um tchau urgentíssimo. Ao avançar três passos, Maudó, ou O

Baixinho, como era conhecido entre os colegas devido a sua estatura baixa, agarrou-o pelo *fundinho*⁴.

- Ouça-me! – insistiu Maudó - Mande essas meninas à escola. Hás de ser feliz amanhã! A mulher pensa como o homem...

Bapam reclamou que o amigo lhe soltasse, não suportava mais palavras. Este, no entanto, fez-se de surdo assegurando-o teso tentando convencê-lo. Após puxadinhas, Bapam parou sorrindo.

- Maudó, não vou dizer que a mulher não pensa. Atrevo-me, sim, a dizer, e acho que vais concordar comigo, que elas pensam menos que nós.

- Não, não concordo querido. Tu deves abjurar as ideias do passado, porque são mesmo do passado. O tempo passa, as coisas mudam. Há pouco me disseste que o teu avô contava-te estórias de régulos. Acredito que te tenha contado também que no tempo dos avôs dele não havia nem *lopé*⁵ nem *fundinho*, que fará calças, que hoje temos. As crianças andavam nuas e os adultos cobriam-se de couro de animais. Não te contou isso?

- Assim ele dizia.

- É momento de refletires. No futuro poderá sumir o *lopé*, cedendo ao outro tipo de vestido que nem imaginamos.

Vou ter que deixar esse diálogo por aqui, querido leitor. Não dá reproduzi-lo todo. Entretanto, deixo a saber que discutiram o assunto desde a tarde até ao arrebol.

Separaram correndo cada um para o seu destino. Atrasadíssimos estavam. Bapam até aceitou os conselhos do amigo. Porém, por “desconhecer” a verdade, aguardou tudo nos pulmões. Foi com o coração vazio, totalmente vazio.

Eram vinte e uma horas e vinte e um minutos quando chegou a Peconha. As duas primeiras filhas, ao darem de cara com ele, correram alegremente para noticiá-lo do nascimento da bebé. A mais nova, que provavelmente tinha menos de três anos, nada conseguia explicar.

- Papai! Bebé, bebé, bebé...

A outra que aparentava ter seis ou sete anos de idade, por anseio de ser a primeira a informar ao pai, apressou-se nas palavras repetindo bebé, duas, três ou mais vezes. Depois se concentrou e informou que nasceu uma bebé linda, morena, olhos castanhos e que chorava muito. No colo do pai ainda disse: “Pai, ela chora muito, mas a mãe não aceita que eu a chamasse de chorosa”. Seguiram para o quarto por onde estava a bebé com a mãe. Após cumprimentos, a mulher, claramente feliz, com a sua meiga voz, disse:

- Nem vou te falar da bebé, sei que estas papagaias já te disseram tudo.
- Falaram, sim. O meu sonho era outro. Queria um menino que pudesse ir à escola.
- Oh! Deus sabe o que faz! Podemos mandá-las. Se for de vontade de Deus terão sucesso quanto aos meninos.
- E o meu toca-choro?
- Deus sabe.

Bapam sorriu, meio-sorriso na verdade. Além preocupação com toca-choro e de não acreditar no sucesso duma mulher na escola, tinha outra preocupação forte, excessivamente forte. Sabia que as raparigas alfabetizadas geralmente não aceitam noivos impostos pelos pais, mesmo que lhes custasse à vida. Calou alguns minutos, em seguida murmurou: “Talvez possam ter sucesso na escola...e o casamento” ? Curiosa, a esposa perguntou:

- O que houve?
- E, se estudarem, o casamento?- retorqui Bapam.
- Deus as orientará! Acho que escolherão homens iguais aos que escolheríamos para elas. Poderão até escolher melhor.

Furioso com as palavras da mulher, abandonou o quarto com um olhar esquivo; saiu para a sala, sacudi e cruzou os braços às costas, olhando para o tecto. Circulou a sala toda. Pensou em bater na mulher. Dirigiu-se ao quarto, deteve-se e voltou. Estava impedido, a mulher acabara de dar a luz. Foi à varanda, puxou uma cadeira e sentou-se. Tentou esquecer do assunto. E, como não lhe foi possível, pensou, então, ir ao vizinho para ali colocar outras coisas na cabeça. Voltou dentro e, atrás da porta principal, sacou a espada. Saiu pela porta traseira, pulou a tapume, e entrou no quintal do Samba, um ancião amigo seu. Estava escuro, imensamente escuro. Para não ser confundido com um ladrão, assobiava “tchui, tchui, tchui...”.

- Quem está no quintal?- perguntou tio Samba.
- Eu,...

Sentarem-se, Bapam e tio Samba, num banco de madeira, comprido, na varanda. Logo, Samba pediu às crianças que trouxessem outro banco, que estava na sala, o qual reserva apenas para recepção de hóspedes. Muito amigo da família, Bapam cortou a palavra ao velho dizendo que não precisavam buscar um outro banco para ele. O velho insistiu e deram-no o *banco de hóspedes*, nome que este recebeu das crianças. Acabou de trocar de banco quando a tia Udé, esposa do tio Samba, que lhe ofereceu *mancarra*⁶, perguntou:

- Matriculaste também as tuas filhas?

- Matricular...!?

Assim, Bapam entrou novamente na discussão que tem evitado. Confessou ao casal amigo que foi a mesma conversa que o levava a deixar a sua casa, e que, por isso, não queria nada mais que tem a ver. Samba e a mulher tentaram convencê-lo a discutir e compreender as mudanças no tempo. Contaram-no que teriam visto muitas meninas estudando, o que era raríssimo antigamente.

- Hoje mulher faz tudo e até participa das eleições como candidata - avisou tio Samba.

O velho explicou que por estas e outras razões matriculou todos os seus filhos, as meninas inclusive. Aconselhou Bapam que fizesse o semelhante. Inicialmente este recusou. E, quando refletiu sobre o velho ditado “*o ancião é remédio*” acabou convencido. Voltou para casa pensando nos conselhos que recebeu. No dia seguinte, logo de manhã, chamou a mulher e disse-lhe:

- Mandêmo-las e vejamos...

Notas:

1. Nome crioulo do ritual que segue a realização de funeral, na qual se sacrifica animais que se acredita que acompanharão o falecido no mundo além.
2. Povoação, aldeia (Guiné-Bissau).
3. Nome de um grupo étnico da guineense.
4. Calças largas usadas geralmente pelos anciões. Os jovens usam por ocasião de algumas cerimônias ou festas.
5. Porta-sexo.
6. Amendoim (Guiné-Bissau).